

EXISTÊNCIAS ESPECTRAIS: DIMENSÕES ESTÉTICO-FILOSÓFICAS DO INOMINÁVEL NO TEXTO *UNHEIMLICH* DE FREUD



SPECTRAL EXISTENCES: AESTHETIC AND PHILOSOPHICAL DIMENSIONS OF THE UNNAMABLE IN FREUD'S *UNHEIMLICH*

Leilane Andreoni¹
Rodrigo Gonsalves²

Resumo: Trata-se de discutir as dimensões estético-filosóficas no texto *unheimlich* de Freud a partir da experiência do indiscernível que o texto propicia. Defendemos que o texto *unheimlich* contém uma perspectiva existencial dissonante do arcabouço teórico freudiano ao estabelecer um parâmetro estético que não se adequa à formulação do princípio da realidade freudiano. Nesse sentido, a intersecção entre psicanálise, filosofia e estética emerge pelo afastamento da dimensão atributiva do conceito de belo, assim como dos afetos em geral, para se situar na especificidade da produção da angústia. A angústia passa a ter, nesse contexto, uma função existencial que ultrapassa a natureza de afeto: ela é um sinal do caráter espectral da realidade, expressa pela dúvida de existência mais radical acerca dos objetos que nos circundam. O estremeamento do paradigma de realidade imiscui-se, pois, na diretriz estética proposta pelo texto de Freud, a ponto de propormos uma solidariedade entre a moção estética textual e o conceito em causa *unheimlich*. Esse movimento nos conduz a uma concepção de sujeito, entendida como espaço vazio à luz das teorias de Lacan e Badiou, que desafia a lógica cartesiana e os postulados de pensamento. A título de conclusão, descortina-se que a dimensão espectral de *unheimlich* propicia um horizonte de reflexão política relevante, pautada na transformação estética da realidade. Propomos, assim, que as próprias condições de possibilidade do pensamento são, em última instância, inventivas; e essa é a razão pela qual a forma de engendrar a realidade aceita modulação.

Palavras-chave: *Unheimlich*, psicanálise, estética, filosofia

Abstract: The following is a discussion of the aesthetic-philosophical dimensions in Freud's text *unheimlich* from the experience of the indiscernible that the text provides. We argue that the *unheimlich* text contains a dissonant existential perspective from the Freudian theoretical framework by establishing an aesthetic parameter that does not conform to the formulation of the Freudian reality principle. In this

¹ Psicanalista, com mestrado em psicologia social na Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda em psicologia na Université Paris Sorbonne Nord (UTRPP), com pesquisa sobre as implicações entre a problemática de gênero na psicanálise e a filosofia política. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1262958373354815>, E-mail: leilaneandreoni@gmail.com

² Psicanalista, professor e tradutor. Assina diversos capítulos de livro e artigos sobre novas linhas do marxismo e psicanálise lacaniana. Graduado em Filosofia e Psicologia. Mestre e Doutor em Filosofia pela European Graduate School (EGS, Suíça). Mestre e Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (IPUSP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2898924799034132>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4681-1549>, E-mail: rodrigoluzcg@usp.br

sense, the intersection between psychoanalysis, philosophy, and aesthetics emerges through the departure from the attributive dimension of the concept of beauty, as well as from affects in general, to situate itself in the specificity of anxiety production. Anxiety acquires, in this context, an existential function that surpasses the nature of affect: it is a sign of the spectral character of reality, expressed through the most radical doubt of existence concerning the objects that surround us. The shaking of the reality paradigm is thus intertwined with the aesthetic guideline proposed by Freud's text, to the point where we propose a solidarity between the textual aesthetic motion and the concept of *unheimlich* at hand. This movement leads us to a conception of subjectivity, understood as an empty space considering Lacan's and Badiou's theories, which challenges Cartesian logic and the postulates of thought. In conclusion, it is revealed that the spectral dimension of the *unheimlich* provides a relevant horizon for political reflection, based on the aesthetic transformation of reality. We propose, therefore, that the very conditions of possibility of thought are ultimately inventive, and that is why the way of engendering reality accepts modulation.

Keywords: *Unheimlich*, psychoanalysis, aesthetics, philosophy.

Introdução

Os desdobramentos da noção de *unheimlich*, internos e externos ao campo psicanalítico, parecem longe de se esgotar. Diante disso, o presente artigo visa expor as tensões centrais acerca do tema e, à luz da filosofia de Alain Badiou, introduzir uma interface entre a estética e a psicanálise.

Unheimliche, termo coloquial da língua alemã, ganhou notoriedade no século XIX e desde então, gera instigantes debates acerca de suas designações, conceitualizações e potências. A partir da incursão *linguística* do termo, no texto *Das unheimliche*³ (1919), Freud destaca o sentido do termo conferido pelo filósofo idealista alemão Schelling, para quem *unheimlich* implica uma quebra de expectativa: "*infamiliar* seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona." (2019, p.45)

Parte das polêmicas usuais acerca do *unheimlich* diz respeito à dificuldade de sua tradução para outras línguas - ponto este antecipado por Freud que, na primeira seção do texto de 1919, persegue distintas traduções do termo, intentando localizar se alguma outra língua possuía as mesmas propriedades do efeito notado por ele no termo em alemão.

Longe da problemática da tradução do termo ser acessória à dinâmica conceitual proposta por Freud, o que parece ocorrer é o inverso: a dificuldade de tradução contida no vocábulo em tela é transposta para a formulação do conceito psicanalítico desenvolvido em

³ O texto foi traduzido para português por "*O Estranho*"(2006), "*O Inquietante*" (2010), "*O infamiliar*" (2019) e mais recentemente, "*O Incômodo*" (2021).

1919. Em outras palavras, a valência teórica-conceitual do termo, em sua articulação com a metapsicologia freudiana, passa a ser indissociável da “intraduzibilidade deste afeto” (DUNKER, 2019).

Isso porque o impasse relativo à tradução da palavra alemã aponta para uma região, tal qual o inconsciente, em que as tentativas de domínio da linguagem e do entendimento são malogradas. Considerando que o fio condutor analítico orienta-se para esse jogo de forças entre linguagem e inconsciente - pelo qual as palavras se trocam sem querer no ato falho ou resistem a serem trocadas na tradução -, a elevação de *unheimliche* a conceito evidencia a relevância das ambivalências e falhas da linguagem para a psicanálise. Eis o caráter significativo do conceito de *unheimlich* para a clínica psicanalítica e a atualidade de tais investigações.

Não por acaso, a palavra *unheimlich* suscita, mesmo no alemão, uma simultaneidade de sentidos opostos (DUNKER, 2015), o que revela a “profunda paradoxalidade” do termo⁴ (DOLAR, 2018), (GONSALVES, 2021). O conteúdo semântico contraditório do vocábulo, capaz de mediar negatividade e positividade na mesma palavra articula-se, assim, à multiplicidade de sentidos que a falta da exata adequação entre dois termos de línguas diferentes propicia.

Trata-se, pois, de evidenciar a formação de uma dobradiça conceitual entre a ambiguidade da palavra e a sua intraduzibilidade. Por um lado, o diagnóstico de não reciprocidade entre termos na linguagem marca a existência de uma impossibilidade simbólica. A faceta do indizível ou do não dito remete⁵, tanto à definição freudiana de sintoma como *palavras amordaçadas*, como daquilo que não se deixa totalmente apreender pela representação. Por outro, a potência da contradição de *unheimliche* guarda o germe de

⁴ Este argumento foi defendido em outros espaços com maior detalhamento (GONSALVES, 2021); (GONSALVES, 2021a); (DUNKER, 2019). Cabe resgatar como Mladen Dolar (2018) [1991] comenta que os pares filosóficos clássicos são postos à prova diante do *unheimlich*, que por sua vez irrompe com a divisão entre interioridade e exterioridade. Ou então, “[t]odos os grandes pares conceituais filosóficos - essência/aparência, mente/corpo, sujeito/objeto, espírito/matéria, e etc. - pode ser visto como tantas transcrições acerca da divisão entre interioridade e exterioridade.” E Dolar (2018 [1991], p.168) defende que a lógica do *unheimlich* aponta para um tensionamento para além desta lógica clássica e que Lacan parece deter-se a isto em seu oitavo seminário (ref).

⁵ A respeito dessa dimensão do indizível, cabe notar a articulação do texto de Freud de 1919 em análise com o texto *L'Étourdit* de Lacan de 1972. No texto de Lacan, a diretriz analítica é justamente implicada à escuta dialética do dizer (enunciação) por trás dos ditos (enunciado), à escuta do que é *interdito* ao simbólico. Mais que isso, a dimensão alucinatória do *unheimlich* é intensificada em *L'Étourdit* a ponto de Lacan chegar a propor que a subversão da gramática predicativa metafísica apenas ocorre a partir da regressão da neurose à psicose (ANDREONI, 2020). Por fim, não seria exagero dizer que *L'Étourdit* é o texto mais estético de Lacan, cuja escrita privilegia a forma textual e topológica da banda de moebius (*ibid*), em aproximação ao *unheimlich* freudiano, também marcado pela forma literária.

negatividade capaz de fazer ruir a gramática representativa que sustenta a própria lógica sintomática (ANDREONI, 2020), (GONSALVES, 2021).

***Unheimlich*, a estética e a filosofia**

Na segunda seção do texto de 1919, o conto de E.T.A. Hoffmann "*O Homem de Areia*" é alçado a objeto da investigação freudiana. Ao invés do ponto de partida usual de Freud referendado na observação clínica, nos mitos, na biologia, na história, na cultura, associada à clareza cuidadosa do seu estilo regular, o desdobramento metapsicológico proposto se confunde com a interpretação vertiginosa da narrativa literária do conto *O homem de areia* – em propulsão do desamparo. Isso confere ao *Das Unheimlich* uma região interseccional entre psicanálise e estética, tanto no estilo, quanto no conteúdo, peculiar em comparação ao panorama geral da obra freudiana.

Em atenção à escrita freudiana usual, verifica-se que a menção aos objetos estéticos, sobretudo no que diz respeito à literatura, mais recorrente, encerra-se, na maior parte das vezes, no campo da alusão. Esse aspecto pode ser apreendido das constantes ressalvas freudianas que delimitam o âmbito de investigação textual à *clínica* psicanalítica, em detrimento de qualquer preocupação estética (2019, p. 29). Por essa via, acentua-se uma cisão entre o campo psicanalítico e o estético.

Diante disso, o filósofo Ernani Chaves (2015, p.9) argumenta que "*Das Unheimliche*" (1919) integra, em relação de continuidade, o movimento freudiano de *psicanalisar* os objetos estéticos presente também em "*O Moisés, de Michelangelo*" (1914), e "*Dostoiévski e o parricídio*" (1928). Segundo o filósofo, se assim não fosse, o texto *Unheimliche* interromperia a submissão da estética ao jugo psicanalítico. Para Ernani Chaves, portanto, este ponto é satisfatório para demonstrar que Freud não confere especificidade à abordagem estética contida em *Unheimliche* em relação aos seus outros textos.

Ainda que seja inegável que Freud não reincida, em 1928, no imbricamento entre arte e psicanálise que o texto de 1919 expressa, isso não garante que a construção estética interna ao *Das Unheimliche* seja destituída das suas particularidades frente aos outros textos freudianos. Seria preciso esclarecer, assim, que o argumento de Ernani Chaves

pressupõe uma relação necessária entre a especificidade de uma abordagem textual e o seu efeito de ponto de inflexão dentro da obra freudiana - quando, na verdade, existem textos que destoam da esteira teórica de um autor sem mudar os rumos da obra de forma geral.

Em contraste aos textos "*O Moisés, de Michelangelo*" (1914) e "*Dostoiévski e o parricídio*" (1928), assim como ao "*O escritor e a Fantasia*" (1908/2009) e "*O delírio e os sonhos na "Gradiva" de W. Jensen*" (1907/2015), *unheimlich* vincula-se ao contexto clínico-histórico do pensamento freudiano⁶. Nesse sentido, ao invés da arte ser apenas uma ilustração referencial⁷, externa às formulações trabalhadas, ela participa ativamente da produção teórica. Exemplo disso é a proximidade de *unheimlich* a de outros conceitos psicanalíticos, como o mal-estar⁸.

A interface entre estética e psicanálise é também evidenciada pelo modo como *unheimlich* - diferentemente de tantos conceitos freudianos - não foi acolhido pelo campo psicanalítico de imediato. Em contrapartida, sua notoriedade decorreu do destaque externo, conferido por outros campos. Foram, pois, as incursões do pensamento francês do séc. XX que alçaram *unheimliche* a outro estatuto - sobretudo, o retorno de Jacques Lacan a Freud, bem como as investigações de Jacques Derrida pela literatura e pela arte (MASSCHELEIN, 2011). É a partir desse percurso por outras áreas que *unheimlich* retorna, em um movimento circular, à psicanálise de maneira revigorada.

Tal dinâmica de reconhecimento não é menor no contexto de defesa da singularidade textual de *Unheimlich*, com ênfase no seu caráter indiscernível, já que a recepção das formulações freudianas de 1919 pode ser vista de um indicativo do fato de que a tensão entre interioridade e exterioridade entre campos perpassa a tangibilidade conceitual de *Unheimlich* e alcança a sua extensão epistêmica. Em outras palavras, a própria compreensão da formulação teórica parece depender, solidariamente, da filosofia e da estética para se elaborar. Não por acaso, Lacan intensifica, e até formaliza, essa

⁶ Em suma, o movimento metapsicológico freudiano acerca da teoria das pulsões e a formalização da pulsão de morte em *Além do Princípio de Prazer* (1920).

⁷ Como ocorre com "*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo*" de Virgílio, em *A Eneida*, utilizado por Freud no epílogo da *Interpretação dos Sonhos* (1900).

⁸ Freud em 1929 desenvolveu a noção de mal-estar, este corolário social da pulsão de morte (DUNKER, 2017, p. 224) que possui uma peculiaridade paradoxal semelhante ao *unheimliche*. O mal-estar (*unbehagen*) detém a partícula *Hag*, que opera de maneira semelhante ao *Heim* em *unheimlich*. "temos o mesmo tipo de inversão que Freud problematizou na análise do oxímoro contido na expressão *Unheimlich* (estranho e familiar), pois os sentidos do termo nos permitem pensar tanto em algo fechado (como uma mata fechada) quanto em algo que ao ser cercado, define uma abertura em seu interior (como uma clareira)." Enfatizamos a simultaneidade e a indecidibilidade presente em ambas formulações de Freud diante de uma mesma experiência.

intermediação epistêmica psicanalítica-filosófica-estética através da figura topológica banda de Moebius (ANDREONI, 2020).

Perspectivas estético-fictícias

Tendente à exploração do estiramento mencionado entre psicanálise, estética e filosofia, procura-se uma lente multifocal para a leitura do texto freudiano de 1919.

As primeiras palavras do escrito freudiano introduzem o tom da dioptria em causa: por um lado, Freud distancia o âmbito psicanalítico do espectro estético, relacionado quer à “doutrina do belo”, quer às “qualidades do nosso sentir” (FREUD, p. 52); por outro, circunscreve uma aproximação entre os dois campos a partir da noção de *unheimlich*, calcada no que suscita angústia e horror (*ibid*). Uma chave de leitura já se anuncia aqui: a suposta intersecção entre psicanálise e estética afasta a teorização da beleza e a dimensão qualitativa dos afetos, em sentido amplo, para se situar na produção da angústia.

Em uma convergência de estilo e conteúdo, tal movimento é replicado na forma textual do escrito. Ao articular a produção da angústia, tanto à recusa de parâmetros estéticos calcados em juízos atributivos (como bom e belo), quanto ao declínio da clareza de um olhar representativo, amparado em uma linguagem de sentidos estáveis, o texto freudiano pode ser concebido, ele próprio, como uma experiência estética-psicanalítica angustiante.

Com efeito, isso alça a angústia a uma dimensão de afeto distinto, já que irredutível às *qualidades do nosso sentir*. Para além da dimensão de afeto, ela adquire a função de sinal da confusão entre o real e a invenção literária que invade as retinas, tanto de Freud, como do personagem do conto de Hoffman - em composição da noção de *unheimlich*.

Do ponto de vista da teoria psicanalítica, essa abordagem freudiana coloca em tensão as formulações freudianas sobre a neurose e a sua pretensa capacidade de corrigir as alucinações do princípio do prazer pelo princípio da realidade. No texto de 1919, o enfoque é outro: destaca-se o dilema pelo qual o princípio de realidade neurótico e seu ideal de objetividade é atravessado pela subjetividade ótica de cada um. É o que origina a complexidade da noção de fantasia em psicanálise, desdobrada em fantasma por Lacan: “o

escândalo ontológico da noção de fantasia reside no fato de que ela subverte a oposição padrão do subjetivo e do objetivo”, o que equivale a criar “a categoria bizarra do objetivamente subjetivo” (ŽIŽEK, p 33).

A noção de fantasia atravessa o conceito de *unheimlich*, assim como rege a escrita do texto por Freud, de modo que os limites do real são fabricados pelo que se estabeleceu como pacto narrativo entre autor e leitor – o que engloba as possibilidades fantásticas interiores ao conto de Hoffman.

É crucialmente neste ponto que se evidencia uma interpolação entre a matriz estética aludida, relacionada à angústia, e o âmbito teórico psicanalítico. Nos dois casos, está em jogo o estremecimento da noção de realidade e das faculdades do juízo. No nervo da problemática que o texto apresenta, o enlace entre estética e psicanálise concentra-se no efeito angustiante de um objeto artístico (texto, obra, etc) ou psicanalítico (intervenção no discurso) de desafiar o enquadre da visão sustentado pela fantasia inaugural.

Nesse contexto, a solidariedade entre estética e psicanálise, operada por Freud, decorre do caráter inventivo da realidade que a moção da angústia descortina, expressa pela dúvida de existência mais radical acerca dos objetos que nos circundam.

O prisma lacaniano

Tal chave de leitura do *Unheimlich* alinha-se aos postulados lacanianos acerca do tema. Dois aforismos do psicanalista francês pedem para serem lembrados aqui: em primeiro lugar, “a verdade tem estrutura de ficção”; em segundo, “a angústia é o afeto que não engana”.

A noção de fantasma concatena esses dois postulados à medida que explicita uma estrutura em que o objeto primordial da experiência (objeto *a* para Lacan) introjeta uma porção de real na subjetividade, e como tal, fixa uma verdade a ele correspondente (verdade-adequação). Por essa via, a verdade está adstrita à noção de realidade, tal como subjetivada - referida, portanto, à vigência da alienação do sujeito ao seu objeto *a*. A cada situação em que o arranjo sujeito-objeto é refeito, formalizado pelo matema da fantasia, incide a angústia.

No conto de Hoffman, o personagem Nathanael é sistematicamente confrontado com o monstro ficcional que é capaz de aniquilá-lo. Trata-se da emergência da angústia com uma função lógica-existencial bastante precisa, a saber: a atualização da verdade atrelada à experiência primordial que determina o olhar.

Não seria exagero, pois, concluir que, a definição do *Unheimlich* como afeto pode ser redutora ao deixar de abarcar o impasse existencial a que o sujeito é confrontado em suas repetições. Em última instância, a abordagem precipuamente afetiva do *Unheimlich* teria como pressuposto a consideração de que o afeto em si constituiria um outro tipo de matéria que, por si só, faria frente à materialidade do pensamento representativo. Por essa via, os afetos são tratados como fontes de contradição em si em face do pensamento tradicional cartesiano, de caráter representativo.

O que se perde de vista com essa ideia é que os afetos não funcionam exatamente como outro tipo de parâmetro para o pensamento, eles estão imiscuídos na alienação da racionalidade. Com exceção da especificidade da angústia, a rede de afetos, por si só, não tem o condão de desafiar a estrutura da representação. Ao revés, a dimensão afetiva pode ser conciliada, e até endossada, pelos desígnios alienantes da representação.

Para os fins estéticos a que nos propomos, tal ponto é relevante porque não se trata de promover um disparador de afetos, a partir de objetos e intervenções discursivas (clínicas, teóricas e artísticas), que abalem o indivíduo. Em detrimento da função de estremecimento da verdade mencionada, tais manifestações afetivas poderiam corresponder a meras ações violentas cujo abalo não necessariamente implica o sujeito na sua própria ficção de verdade.

A particularidade, assim, da associação entre *Unheimlich* e angústia, assentada na atualização do impasse primeiro entre existir e não existir, guarda uma valência política inescapável: implicar o sujeito na transformação da sua realidade mediante a “instauração de outra racionalidade” (ANDREONI, 2020). Trata-se, assim, de operar um deslocamento da ficção fantasmática para um modo existencial criativo (*ibid*).

A gradiência cartesiana

Não obstante a psicanálise subverta a racionalidade filosófica tradicional através do conceito de inconsciente, a articulação entre existência e cogito não é descartada nem por Freud, nem por Lacan. Se Freud, no texto de 1919 em apreço, articula uma estética para a psicanálise fundamentada no estremecimento existencial que confunde a visão, é porque há, como pressuposto, um eu atrelado à capacidade representativa.

A partir da abordagem lacaniana do tema, a angústia sinaliza uma *não toda* identificação entre o ser e o pensar que resulta na proposição inversa ao cogito de Descartes: “sou onde não penso”. Nessa linha, a negação lacaniana a Descartes decorre da inversão/disjunção do cogito que não deixa de tomá-lo como *topos* de onde acontece o embate entre existir e não existir⁹.

Nesse contexto, emerge a hipótese de Badiou, para quem o legado cartesiano mantido por Freud e Lacan corresponde à dimensão de um lugar vazio atrelado ao sujeito: é lá onde fracassa a certeza da existência, apoiada no pensamento, que surge um sujeito estético. Com efeito, não seria exagero propor, como faz Badiou, que haveria uma relação de equivalência entre o projeto lacaniano de retorno a Freud e um eventual programa de “retorno a Descartes”, mencionado pelo próprio Lacan em 1946 (BADIOU, Ser e evento, p. 336). Por essa via, Freud só seria “inteligível na descendência do gesto cartesiano” (*ibid*).

Unheimlich é, certamente, um dos gestos freudianos mais contundentes nesse sentido. Embora a confusão do personagem Nathanael diante das figuras do homem de areia que se deslocam ao longo do texto, à luz da abordagem lacaniana, não corresponda propriamente a uma abertura para o vazio, já que o personagem é sufocado pela sua alienação fantasmática, destaca-se como a orientação de Badiou fornece elementos para ler as formulações freudianas de *Unheimlich* a partir do declínio da capacidade representativa.

Nesse contexto, a emergência de um sujeito, inversamente proporcional ao gesto cartesiano, ao subverter a reciprocidade entre existência e pensamento, bem como apontar para um local de sutura com o indiscernível ou inominável, configura a região estética

⁹ Por essa razão, a lógica do *não toda* em Lacan, outra denominação para as fórmulas da sexualização, imbuí às noções de castração e mulher, ali abordadas, das críticas da psicanálise à racionalidade filosófica tradicional. Mais que isso, a formalização lacaniana dos quadrantes da sexualização acrescenta uma camada à crítica freudiana ventilada pelo *Unheimlich*, a saber: o falocentrismo. Nesse contexto, a inversão do cogito cartesiano, a falência da gramática representativa, a liberação da matéria metafísica em privilégio da forma, e a instauração de outro modo de pensar compõem a noção de mulher em Lacan (ANDREONI, 2020).

proposta por Badiou - remissiva das formulações do *Unheimlich* e do retorno de Lacan a Freud.

A obra de arte e a intervenção psicanalítica, portanto, estariam direcionadas para a mesma finalidade de implicação subjetiva decorrente da destituição dos protocolos tradicionais do pensamento e da existência. Não por acaso, os outros aspectos, além da estética, atrelados à noção de sujeito de Badiou - a saber, o amor, a política e a ciência - também estão condicionados ao desmonte da lógica cartesiana.

Alain Badiou e a psicanálise

Em contraste à tendência do campo filosófico atual, Alain Badiou confere relevância ao campo psicanalítico, em particular à psicanálise lacaniana, a ponto do seu projeto filosófico ser, assumidamente, tributário do ensino de Lacan. Embora Badiou não renuncie ao lugar de filósofo, tão pouco à perspectiva crítica diante da psicanálise - de modo que o programa teórico por ele encartado preserve sua autoria e singularidade -, suas formulações merecem ser consideradas enquanto contribuições válidas ao campo psicanalítico. O projeto filosófico de Badiou¹⁰ é denso e, certamente, não pode ser minimizado a uma seção de artigo. O recorte aqui sugerido de seu projeto assenta-se sobre o tensionamento entre filosofia e psicanálise, bem como sua aproximação entre o poema e o processo analítico do sujeito¹¹. Mais especificamente, aborda-se dois momentos em que Badiou interage frontalmente com a psicanálise: primeiro, em *Conditions* [sem tradução em

¹⁰ Alain Badiou possui três grandes obras filosóficas: *Ser e Evento* (1996), *Logiques des mondes* (2006) e *L'immanence des vérités* (2018). Grosso modo, na primeira obra, Badiou apresenta sua ontologia matemática e os desafios da filosofia após os anos 70, ciente dos riscos das "saturada" do campo filosófico frente ao lastro heideggeriano e os encantamentos poéticos da linguagem, Badiou defende as premissas de seu projeto do pensamento dando continuidade à sua teoria do sujeito. Resumidamente, sua segunda obra segue sua tese ontológica e sua perspectiva fenomenológica, porém disputando um novo contexto de perspectivas filosóficas que se erigirá na atualidade, disputando perspectivas filosóficas sem compromisso algum com as verdades. Brevemente, em sua última grande obra filosófica, Badiou discute um procedimento da verdade e uma sistematização mais dedicada acerca da arte, da ciência, do amor e da política. Seus dois manifestos pela filosofia traduzem suas duas primeiras grandes obras e circunscrevem sua urgência ao campo filosófico.

¹¹ Diferentemente do sujeito do inconsciente investigado por Lacan, a noção de sujeito em Badiou não pode automaticamente ser sobreposta à da psicanálise. Badiou discute três tipos de atitudes de subjetivação do corpo, em vista a três tipos de condição de sujeito: o fiel, o reativo e o obscuro (lembrando que tais formalizações do sujeito são contemporâneos à sua noção de acontecimento). E que é por haver verdade, que há sujeito para Badiou. O sujeito badiouiano "não é uma substância", "não é um nada", "não é uma consciência", "não é invariante nem necessário", "sujeito não é uma origem" mas sim, *um ponto de verdade*. Em suma, "[u]m sujeito é primeiramente aquilo que fixa um evento indecível, porque assume o risco de decidi-lo." (BADIOU, 1994)

português] (2008) e segundo, em uma fala proferida no Brasil intitulada "Por uma estética da cura psicanalítica" (2002 [2004]).

Em *Conditions* (2008) Badiou trata dos acordos e desacordos entre a filosofia e a psicanálise, a saber: "o ponto que dispõe a filosofia e a psicanálise é o de uma lei - não dialética - de compossibilidade entre um *ressentimento* cuja essência é a sedução e um consentimento cuja essência é reserva" (*ibid*, p. 201, *nossa tradução*). Segundo o filósofo, ambos os campos se interrogam frente ao impasse: "como fazer com o enviesamento com o qual uma verdade toca o ser?" (*ibid*, p. 201) Em outras palavras, ambos os campos questionam "qual é a localização do vazio?" (*ibid*, p. 201)

Embora "tanto a filosofia quanto a psicanálise não façam sentido sem um desejo por algo que tome o lugar além do lugar" (*ibid.*, p.2020), o impasse fundamental reside na distinta *localização* desse vazio entre os campos. Para a filosofia, o vazio estaria localizado na condição do pensamento, como ser *qua* ser (*ibid*, p.202), enquanto para a psicanálise, o vazio estaria localizado na dimensão de sujeito, o sujeito do inconsciente (*ibid*, p. 203). Sem a ingenuidade de diminuir este impasse, o pensador visa a sustentação de regras possíveis para uma coexistência pacífica entre campos (*ibid*, p. 209).

O segundo argumento compõe uma triangulação entre a poética de Mallarmé, a psicanálise lacaniana e a filosofia de Badiou, a partir da defesa de que "a cura analítica é a passagem de um estado de impotência a uma experiência do real e, portanto, a uma experiência do impossível" (2002, p. 237). Tal passagem lógica, da impotência ao impossível, configura o conceito de transposição¹², ou transposição poética, pelo qual a transformação na língua, decorrente da incidência poética, implica uma experiência ligada ao impossível (*ibid*, p. 237).

Se, para Lacan, a passagem da impotência ao impossível é formalizada pelos matemas (*ibid*, p. 238), Badiou também defende que a transposição poética consiste em uma formalização (*ibid*, p. 238). Para sustentar tal formalização, o filósofo faz 5 observações: 1. O objeto da transposição é a experiência do real (articulação do real do objeto perdido); 2. Essa operação (da cura psicanalítica e do poema) não tem possibilidade

¹² Badiou descreve a transposição como uma "operação poética, que parte da impotência, cuja causa é um desaparecimento ou uma perda, organiza no poema um desaparecimento segundo (poder-se-ia dizer quase um desaparecimento mimético) e produz, finalmente, uma afirmação, que é uma afirmação real e a afirmação de um ponto de impossível. Nessa profundidade, há uma semelhança entre o poema de Mallarmé e a cura analítica" (2002, p. 239).

natural, logo, "a situação da cura analítica é, efetivamente, uma situação artificial, tão artificial quanto um poema. E isso não é uma falha, mas uma necessidade." (*ibid.*, p.240); 3. A transposição é uma lógica, ou então, a situação é artificial, operada por uma lógica, logo "a situação é não-natural e, no sentido forte, é uma situação formal" (*ibid.*, p. 240); 4. "Essa lógica elimina qualquer ideia do 'indizível'" (*ibid.*, p.240) e 5. O desaparecimento do sujeito da impotência, ou eliminação da subjetividade, enquanto "desvanecimento de seu ser" (*ibid.*, p. 240).

Em resumo, o procedimento da transposição implica uma formalização triangular, entre filosofia, psicanálise e o poema, à medida que operam sobre a própria concepção de sujeito (*ibid.*, p. 241) em "uma reorganização formal, no âmbito do qual algo se repete: o próprio desaparecimento" (*ibid.*, p. 241).

...se há um sujeito de pensamento, se há uma vitória sobre a perda, então é preciso compreender que há algo ali que não está mais no tempo, não no tempo natural. Precisaríamos então chegar a essa idéia extraordinária de que a análise cria algo de eterno. Isso sempre foi dito do poema, o poema sempre teve a ambição de criar algo na língua que fosse eterno, algo na língua natural, que fosse sobrenatural. Essa é, evidentemente, a ambição do poeta. Será possível estender essa ambição à cura analítica? Será possível dizer que a análise toca, no sujeito, em algo de eterno, em algo que é sua eterna contingência? Se assim for, seria como no poema, seria realmente uma estética da criação. Uma análise absolutamente bem-sucedida seria absolutamente uma obra de arte, uma obra de arte inteiramente subjetiva. E com isso vou deixá-los, na esperança de que vocês sejam todos grandes artistas (*ibid.*, p. 241).

Embora a dimensão de eternidade, abordada pela transcrição, precisasse ser problematizada frente à abertura temporal que a psicanálise promove no fim de análise, a diretriz de uma *estética da criação* implicada à cura analítica coaduna-se aos desenvolvimentos precedentes do *unheimlich* freudiano. Ainda que não expressamente referido por Badiou nas passagens acima, *unheimlich*, apesar de suas diferenças, parece ser o embrião psicanalítico desta ideia.

Com efeito, a tese filosófica de Badiou, remissiva a Lacan, compreende que o desaparecimento do sujeito cartesiano é diretamente proporcional ao advento subjetivo de

uma localização do vazio. Esse deslocamento sobrenatural, realizado empiricamente em análise, compõe a lógica do poema para Badiou e a noção de *função poética* em Lacan. Compõe também os desenvolvimentos de *Unheimlich* à medida que as possibilidades fantásticas do conto de Hoffman são eleitas por Freud, em acordo narrativo com o leitor, como parâmetro do pensamento.

Em última instância, ainda que *Unheimlich* não confira, propriamente, estatuto poético à linguagem, em absoluta ruptura com a valência representativa do simbólico, tal como Lacan e Badiou propõem, o princípio conceitual de um enigma inominável, feito de angústia e fascínio, que atravessa a construção estética, tanto quanto a psíquica, é tributário das formulações freudianas de 1919.

Considerações finais: futuros fictícios

Diante do exposto, caberia notar como o motor de uma experiência indiscernível - seja a do processo analítico, seja a de leitura do texto *Unheimlich*, seja a da provocação estética em sentido amplo -, tem o condão de arquitetar um mosaico espectral cuja consequência da perda da crença em uma realidade estável implica uma estetização da própria existência.

Para além dos atributos do bom ou do belo, a questão seria pensar o enquadre estético a partir das possibilidades inventivas existenciais. Nesse contexto, o diagnóstico de que as condições de possibilidade do pensamento são criativas é o que parece permitir operar a passagem do sofrimento fantasmático para a cura. Esse movimento parece abrir um horizonte temporal liberto da repetição sintomática e, por sua vez, das várias reedições do passado pelo presente - de modo que ao futuro histórico, tal qual à noção de sujeito, é destinado um lugar vazio.

Entre criaturas de areia e diferentes lentes para o olhar, a ficção de um futuro guarda a liberdade do tempo histórico indeterminado, passível de ser transformado em obra de arte pelos sujeitos.

Referências

ANDREONI, Leilane. **Uma gramática disparatada da revolução: negação, mulher e ontologia no texto L'étourdit de Lacan.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17062020-165216/pt-br.php>. Acesso em 05 de junho de 2023.

BADIOU, Alain. **Para uma nova teoria do sujeito.** Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

BADIOU, Alain. **O ser e o evento.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1996.

BADIOU, Alain. Por uma estética da cura analítica. *In: Conferência pronunciada no dia 29/11/2002, durante o Colóquio sobre "O desejo do analista"*, organizado pela Escola Letra Freudiana no Rio de Janeiro. Escola Letra Freudiana - A psicanálise & os discursos - Ano XXIII ns 34/35, 2004.

BADIOU, Alain. Verdade e Sujeito. *In: Estudos avançados* 8 (21). 2005.

BADIOU, Alain. **Conditions.** London: Continuum, 2008.

BADIOU, Alain. **L'immanence des vérités.** Paris: Fayard, 2018.

BADIOU, Alain. **Logiques des mondes.** L'Être et l'Événement, 2. Paris: Seuil, 2006.

BADIOU, Alain. **Manifesto Pela Filosofia e Segundo Manifesto pela Filosofia.** Trad. Rodrigo Gonsalves e Daniel Alves. São Paulo: Ed. LavraPalavra, 2022.

CHAVES, Ernani. O paradigma estético de Freud. *In: Freud: Arte, literatura e os artistas.* São Paulo: Autêntica, 2015.

DOLAR, Mladen. "Eu estarei com você em sua noite de núpcias". *In: Ensaios sobre Mortos-Vivos* (Orgs.). Rodrigo Gonsalves e Diego Penha. Trad. Rodrigo Gonsalves. São Paulo: Editora Aller, 2018.

DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros.** São Paulo: Ed. Boitempo, 2015.

DUPUY, Jean-Pierre. **Economy and the Future**, trans. M. B. DeBevoise. East Lansing: Michigan State University Press, 2014.

FREUD, Sigmund. (1919/2006). O Estranho. *In: Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918/2006).* Rio de Janeiro: Imago, v. XVII, 2006.

FREUD, Sigmund. Interpretação dos Sonhos. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud.* São Paulo: Autêntica, 2019 [1900].

FREUD, Sigmund. **O incômodo [Das Unheimliche].** São Paulo: Blucher, 2021 [1919].

FREUD, Sigmund. O infamiliar [Das Unheimliche]. *In: Obras incompletas de Sigmund Freud.* São Paulo: Autêntica, 2019 [1919].

FREUD, Sigmund. O inquietante [Das Unheimliche]. *In: O homem dos lobos e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1919].

FREUD, Sigmund. O escritor e a Fantasia. *In: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de cum garoto de cinco anos e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1908].

FREUD, Sigmund. **O delírio e os sonhos na “Gradiva” de W. Jensen**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1907].

FREUD, Sigmund. O Moisés, de Michelangelo. *In: Arte, literatura e os artistas*. São Paulo: Autêntica, 2015 [1914].

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio. *In: Arte, literatura e os artistas*. São Paulo: Autêntica, 2015 [1928].

GONSALVES, Rodrigo. **Os desdobramentos do Infamiliar em Freud e Lacan**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-24072021-140215/pt-br.php>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LACAN, Jacques. **Seminário, Livro: 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

MASSCHELEIN, Anneleen. **The Unconcept: The Freudian Uncanny in Late-Twentieth-Century Theory**. New York: State University of New York Press, 2011.

ZUPANČIČ, Alenka. **What is sex?** New York: MIT Press, 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. Le devenir-lacanien de Deleuze. *In: O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.

ŽIŽEK, Slavoj. **Disparities**. London: Bloomsbury Press, 2016.

Submetido em 31 de maio de 2022.

Aceito em 09 de agosto de 2022.